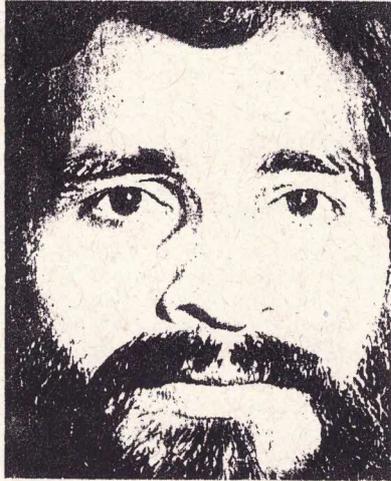


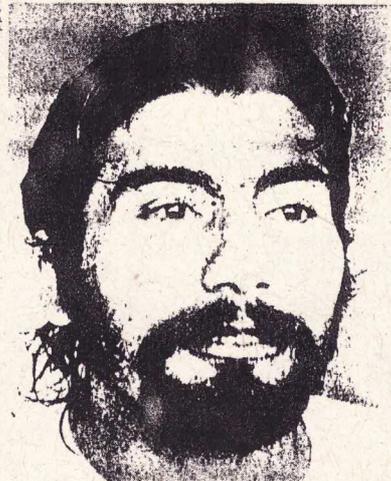
ESTAS PESSOAS PODEM MORRER

João Roberto Ripper



Osmarino (esq.) e Gumercindo: a luta contra a morte nos seringais do Acre

João Roberto Ripper



Osmarino Amâncio — dom Moacir Grecchi — Gumercindo Rodrigues Xapuri e Brasília, Acre

No Acre, as ameaças de morte contra o agrônomo Gumercindo Rodrigues, de Xapuri, o sindicalista Osmarino Amâncio, de Brasília, e o bispo da diocese do Acre-Purus, dom Moacir Grecchi, estão ligadas ao mesmo contexto de conflitos entre seringueiros e latifundiários em que foi assassinado Chico Mendes. O próprio Chico era ameaçado há mais de cinco anos e essas ameaças tornaram-se mais intensas a partir dos trabalhos que orientava de "empate pacífico" contra as derrubadas e queimadas nos seringais Equador e Cachoeira. Desse movimento participavam também Osmarino Amâncio, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Brasília, e Gumercindo Rodrigues, que assessorava Chico Mendes.

Pelos mesmos motivos estão ameaçados ainda Júlio Barbosa, sucessor de Chico Mendes no STR de Xapuri, o vereador eleito pelo PT e presidente do Conselho Nacional de Seringueiros, Raimundo Barros, o também vereador petista Júlio Nicácio e Gilson Pescador, ex-candidato do PT à prefeitura de Xapuri.

Contra dom Moacir Grecchi as ameaças mais sérias ocorreram no dia 23 de dezembro do ano passado: ele recebeu um telefonema de um tal "Cláudio Goiano" que disse ter sido contratado, junto com outro pistoleiro, Luiz

Garimpeiro, para matar Chico Mendes e dom Moacir; ele falou que se arrendera e não queria mais fazer o "serviço" porque seu negócio "sempre foi roubar carros e não matar".

Quanto a Osmarino Amâncio Rodrigues, a tensão aumentou depois que ele venceu as eleições para o STR de Brasília, em junho de 1988. A chapada situação tentou impugnar o pleito e contava para isso com o apoio da Associação Comercial de Brasília, o Banacre e os sindicatos patronais.

Maria de Jesus — Raimundo — padre Paulo Joanil Nova Jacundá, Pará

As ameaças de morte contra a senhora Maria de Jesus, seu filho Raimundo e o padre Paulo Joanil, da diocese de Marabá, têm origem no conflito da gleba Ananindeua, no povoado de Goianésia, em Nova Jacundá, onde, em 1987, morreram os trabalhadores rurais João Passarinho "Vintinha" Sebastião Pereira de Sousa (de quem dona Maria é viúva) e seu filho Clésio de três anos de idade. Eles foram assassinados por pistoleiros a mando dos fazendeiros Herminio José Ferreira, Joaquim José Ferreira "Blanco" e João Manuel Ferreira, filiados à União Democrática Ruralista.

Depois da morte do marido, de "Vintinha" e de Clésio, Maria de Jesus passou a fazer denúncias, depondo sobre o que sabia às autoridades e à imprensa. Em setembro de 1988, ao mesmo tempo em que os fazendeiros Herminio e Joaquim José instalaram em Goianésia uma serraria, chegaram na área vários pistoleiros e iniciou-se uma onda de ameaças contra ela. Sua casa foi rondada várias vezes e os pistoleiros diziam que tinham que "acabar com essa raça". Na mesma ocasião, iniciam-se também as ameaças contra o padre Paulo Joanil, coordenador da CPT da diocese de Marabá que acompanhava dona Maria de Jesus em suas denúncias sobre a "chacina de Goianésia".

No dia 6 de novembro, cinco pistoleiros dão tiros atrás da igreja de Goianésia durante a realização de batizados. Os pistoleiros intensificam sua presença à procura de dona Maria e padre Paulo. Dias depois, dois desco-

João Roberto Ripper



Lúis Villanova: ameaça permanente e dois atentados à bala

Fabio Salles/Agência Fichas



D. Moacir Grecchi: o pistoleiro desistiu de matá-lo

Tempo e presença, Cedi, nº 239 ano 11
março 89

nhcidos procuram pelo padre numa comunidade próxima da cidade, onde ele acabava de celebrar uma missa. No mesmo dia, outro desconhecido pergunta por ele em Morada Nova. Em 12 de novembro, durante um comício em Goianésia, os mandantes da chacina dizem publicamente que após as eleições iriam liquidar o deputado João Carlos Batista, em Belém. Após o assassinato de Batista, ocorrido no dia 6 de dezembro, eles comemoraram em Goianésia e anunciaram que os próximos seriam dona Maria, seu filho e o padre Paulo. Esses fatos foram comunicados pelo bispo de Marabá, dom Altamiro, ao general-comandante do 52º Batalhão de Infantaria da Selva (BIS) e difundidos largamente na imprensa.

O clima de ameaças prossegue em Goianésia e Nova Jacundá, com doze pistoleiros, inclusive duas mulheres, passando todos os dias em frente à casa paroquial e investigando os vizinhos.

*João Marré — José Rainha
Pedro Canário e São Mateus, Espírito Santo*

As ameaças contra João Marré estão relacionadas com a desapropriação da fazenda Castro Alves, município de Pedro Canário. João Batista Marré, dirigente sindical e membro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), foi preso, juntamente com José Rainha Junior, no dia 18 de fevereiro de 1988, por solicitação do fazendeiro Teodoro Dantas que pretendia expulsar os sem terra da fazenda. Marré é mantido preso por oito dias. Em março, o MST, a CPT, a CUT e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IELCB) divulgam nota denunciando ameaças de morte contra Marré, Verino Sossai (presidente do STR de Montanha) e Davi Guerra, advogado do STR de Pancas, cujo presidente, Francisco Domingos Ramos, foi assassinado em 1988.

José Rainha, membro da Executiva Nacional do MST, sofreu um atentado, no dia 17 de outubro, quando entrava em sua casa, em São Mateus. Os pistoleiros não conseguiram acertá-lo e fugiram. Rainha foi ferido pelos estilhaços do vidro da porta atingida pelas balas. José Rainha pediu garantias de vida à Secretaria de Segurança Pública do Espírito Santo.

*Luiz Soares Filho (Luiz Vilanova)
Santa Luzia, Maranhão*

Luiz Soares Filho, conhecido como Luiz Vilanova, sindicalista e presidente do PT do Maranhão, está marcado desde a década de 70, quando começaram os conflitos entre os sem ter-

ra e o fazendeiro Fernando Brasileiro (do Grupo Açúcar União) e seu sócio, Tarcísio de Meira Lins, através da Agropecuária Babilônia, na fazenda Terra Bela, povoado de Buriticupu, município de Santa Luzia.

Em setembro de 1986, Vilanova denuncia uma operação militar, sem mandado judicial, para expulsar cerca de mil lavradores. Durante a operação as casas foram queimadas, as roças destruídas e o lavrador Desdete e o próprio Vilanova foram presos.

Em 1987 o Mirad desapropria 2,4 mil ha da fazenda. Com a desapropriação, a área é ocupada por cerca de quatrocentas famílias, em junho de 1988. A partir daí, intensificam-se as ameaças contra Vilanova e o padre Ivo Ritter, que pedem garantia de vida à polícia sem serem atendidos. No dia 14 de julho de 1987, Luiz Vilanova e o representante do MST, Manoelito, são cercados por pistoleiros da fazenda. Várias entidades denunciam o Incri por facilitar a ação dos pistoleiros da UDR.

Em 3 de agosto de 1987, Luiz Vilanova e Sebastião Crisóstomo de Almeida são atacados a tiros por Fernando Brasileiro, o gerente Hélio Fernandes Martins e três pistoleiros, no acastamento da BR-222. O lavrador Crisóstomo fica ferido.

Luiz Vilanova passou todo o ano passado fora de sua cidade para evitar seu assassinato, pois sofrera dois atentados à bala, num dos quais foi ferido no braço direito.

*Adão Rosa
Carmo do Rio Verde, Goiás*

Adão Rosa, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Carmo do Rio Verde, denunciou, no início deste ano, em Goiânia, que está recebendo ameaças de morte por parte dos fazendeiros ligados à UDR.

Ele relatou as ameaças ao Secretário de Segurança Pública do Estado, Ronaldo Jaime, citando como o principal responsável o fazendeiro João Soares da Silva. O secretário encarregou o delegado de Polícia de Carmo do Rio Verde, Geraldo Caetano Brasil, de intimar o fazendeiro e demais pessoas envolvidas para prestar depoimento.

Segundo Adão, as ameaças contra ele e outros membros do STR se devem ao fato de, por interferência do sindicato, João Soares ter sido obrigado a pagar direitos trabalhistas a um dos vaqueiros, no valor de 40 cruzados novos.

A situação de ameaças contra Adão vem ocorrendo desde o assassinato, em outubro de 1985, do então presidente do sindicato do município, Nativo da Natividade.

Opção pela semiclandestinidade



João Roberto Ripper

Maria Aparecida Rodrigues de Miranda tem 26 anos e está de malas prontas para deixar a cidade mineira de Unai, onde milita no sindicato dos trabalhadores rurais. Ela está ameaçada de morte pelos mesmos fazendeiros que, há três anos, assassinaram seu pai e feriram sua mãe. Cida, como é conhecida, diz que a sua morte ainda não aconteceu porque os mandantes não querem testemunhas. "Até meu telefone deve estar grampeado", acredita ela.

Vice-presidente da CUT de Minas Gerais, Cida e sua família têm uma vida marcada pela militância sindical e a luta pela posse da terra. Angustizada, narra o momento mais trágico dessa trajetória, o assassinato de seu pai: "Meus pais moravam na roça, em Bonfinópolis, há 23 anos. Numa manhã de domingo, em outubro de 1985, eles estavam na porta da casa de um parente que vinha sendo ameaçado. O fazendeiro Boaventura José de Magalhães chegou com dois pistoleiros e durante a conversa ocorreram os disparos. A própria pericia constatou que minha família distava quatro metros da cerca que delimitava a casa, portanto, estavam dentro de seu limite". Mas, em outubro de 1987, o corpo de jurados da Comarca de João Pinheiro inocentou os acusados alegando "legítima defesa". Desapontada, ela recorreu da decisão e aguarda pronunciamento da Justiça estadual, com sede em Belo Horizonte. Enquanto isso, prepara-se para viver na semiclandestinidade e pergunta: "Até quando os brasileiros viverão ou morrerão nesta situação?"